

Locus lexical e valoração de edge features: Implicações para interrogativas-wh simples e múltiplas

Jairo Nunes (Universidade de São Paulo)

Ao propor o modelo de computação por fases, Chomsky (2000, 2001) formula uma resposta bastante interessante para a pergunta de por que movimento em geral se dá em passos curtos (à la *Barriers*). A ideia é questões de eficiência computacional deveriam fazer com que o sistema não esperasse até que um objeto sintático completo fosse construído para inspecionar sua convergência, pois a falta de convergência já poderia ser computada em partes do objeto sendo montado. Chomsky (2000, 2001) argumenta que se essas considerações gerais de eficiência computacional forem codificadas em termos da Condição de Impenetrabilidade das Fases (PIC), relações-A' de longa distância podem ser estabelecidas se o elemento X que pode participar numa relação-A' com um elemento Y localizado em outra fase for repetidamente deslocado para a borda da fase em que se encontra até que X e Y se encontrem numa configuração local. Assumindo que essa argumentação provê uma resposta plausível para explicar *por que* movimento cíclico sucessivo existe nas línguas naturais, surge em seguida a pergunta de *como* exatamente esse movimento é desencadeado e licenciado. Chomsky (2000) propõe que uma vez concluída uma fase, seu núcleo pode receber opcionalmente um traço-EPP, desencadeando movimento-A' para sua borda. Bošković (2007), no entanto, argumenta convincentemente que essa proposta sobregera, requerendo computações globais para a exclusão de resultados indesejáveis, consequentemente minando a lógica de computações locais num sistema regulado pela PIC. Sua proposta é que o traço que desencadeia movimento-A' está lexicalmente localizado no próprio elemento que se move, excluindo de modo elegante casos de sobregeração. Entretanto, a proposta de Bošković subgera, na medida em que requer pressupostos independentes para dar conta de diferentes efeitos de *that-trace* nas línguas naturais, que no modelo de *GB* eram capturados pelo Princípio das Categorias Vazias (ECP), ou para explicar por que línguas como o italiano permitem interrogativas-*wh* simples, mas não interrogativas múltiplas.

Nesta comunicação, apresento a alternativa esboçada em Nunes (2021a,b), de acordo com a qual grande parte da variação translinguística associada a movimento-*wh* pode ser explicada em função do *locus lexical* dos *edge features* EFs - os traços que desencadeiam movimento cíclico sucessivo - (se estão associados a núcleos de fase, como na proposta de Chomsky (2000), ou a elementos-*wh*, como na proposta de Bošković (2007)) e em função de sua valoração intrínseca (se são valorados ou não-valorados). A presença ou ausência de EF em um núcleo de fase pode, por exemplo, explicar a alomorfia de C e *v* associada à extração local de um sujeito (efeitos do tipo *that-trace* em inglês ou *que-qui* em francês) ou de um objeto (apagamento de prefixo transitivizador em Bahasa Indonesia) e o espalhamento dessa alomorfia em algumas línguas (irlandês, Bahasa Indonesia, Defaka) é explicado se os EFs de núcleos de fase forem intrinsecamente não-valorados, recebendo valor após concordarem com um elemento-*wh* que se desloca para sua borda. Por outro lado, se os EFs estiverem lexicalmente associados a elementos-*wh*, como em português, não vai haver assimetrias sujeito-objeto (a motivação para o movimento independe do núcleo de fase local), nem alomorfia associada à extração. Além disso, se EFs só induzirem efeitos de minimalidade/superioridade se estiverem valorado, podemos explicar porque há movimento múltiplo de sintagmas interrogativos em línguas como o serbo-croata e não existe interrogativa múltipla em italiano se EFs forem intrinsecamente valorados em italiano, mas não-valorados em serbo-croata. O trabalho conclui com uma discussão de casos mais complexos em que mais de um elemento pode portar EF, como é o caso do búlgaro, que apresenta frenteamento múltiplo de sintagmas-*wh*, mas exibe efeitos de superioridade.